

A subversão pós-moderna e o diabólico Maffesoli: uma breve discussão sobre o mal como essência necessária à mídia contemporânea

RESUMO

O artigo foi escrito à luz do pensamento de Michel Maffesoli, com inspiração no livro "A parte do diabo". É um ensaio sobre o polêmico pensamento do autor, que estuda as ciências sociais mesclando o trágico e o banal. Ao desafiar seus leitores e estudiosos a discutir a sociedade contemporânea, Maffesoli conta com o diabo, neste caso, como um companheiro de suas provocações.

ABSTRACT

This text deals with Michel Maffesoli's new book *A parte do Diabo* (2004) where he discusses with his readers the contemporaneous mixing of the tragic with the ordinary.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Diabólico (*Evil*)
- Mídia (*Media*)
- Contemporaneidade (*Contemporaneity*)

Ricardo Ferreira Freitas

FCS - UERJ

Só podemos entender bem uma época sentindo seus odores. Os humores sociais e instintivos são mais eloqüentes a seu respeito do que muitos tratados eruditos. Neles exprimem-se os afetos, as paixões, as crenças que a permeiam. É assim que se manifestam os sonhos mais desvairados com que ela joga ou dos quais vem a ser juguete. É assim que podemos entender que a "parte destruidora", a do excesso ou da efervescência, é exatamente o que sempre antecipa uma nova harmonia

(Maffesoli, 2004, p.17).

NAS ÚLTIMAS DÉCADAS do século XX, os intelectuais e a mídia de vários países do mundo se surpreenderam com o pensamento sociológico de Michel Maffesoli. Polêmico, e absolutamente contemporâneo, Maffesoli é um desses raros cientistas sociais que têm a coragem de estudar assumidamente o cotidiano. No Brasil, o interesse por sua obra foi despertado nas estações finais da ditadura militar e começou a ganhar grande força na época da retomada da democracia no país. Era um momento em que muitos pensadores sul-americanos recorriam à vocação européia de influência nos paradigmas críticos da sociedade, especialmente aqueles considerados de vanguarda política. Desde então, Michel Maffesoli, titular da cadeira de Émile Durkheim na Sorbonne, tem se destacado por suas propostas epistemológicas que incorporaram às ciências sociais temas aparentemente paradoxais como a paixão e o banal.

Na sua obra, lidamos com o trágico e a festa para entender o mundo. Pode-se rir ou chorar, mas é impossível não levar seus objetivos a sério. Povoado por ancestrais como Durkheim, Weber e Simmel, em um rápido exemplo, sua forma de trabalhar privilegia o presente e o instante vivido como assuntos fundamentais à discussão

sobre as construções simbólicas e as representações que os múltiplos grupos sociais ordenam e desordenam a cada dia. A mídia e os eventos promotores de ajuntamentos de pessoas¹ são, portanto, referências instrumentais para analisar sociologicamente questões que muitas vezes são consideradas secundárias como o frívolo e a aparência. Ao mesmo tempo, Maffesoli também contempla o debate sobre os grandes conflitos mundiais, sejam de origem étnica ou financeira, enriquecendo a compreensão a respeito da estética da contemporaneidade. Suas idéias vão além dos limites do político e do econômico, abordando a realidade social em variadas dimensões e possibilitando, assim, novas propostas à sociologia e área afins. Para alguns intelectuais, sua obra é vazia de provas, é apenas um jogo de palavras. Essa é uma maneira rasteira e equivocada de interpretar o trabalho de Maffesoli. Como sabemos, os inovadores incomodam e, por isso, geralmente, suscitam sentimentos opostos de animosidade ou de admiração. Maffesoli é um dos grandes nomes das ciências sociais contemporâneas e isso se deve justamente à coragem de estudar o ordinário, os ritos urbanos, a rua e colocá-los lado a lado a assuntos megaprojectivos como as guerras e as bolsas de valores em todo o mundo.

O corpo, a moda e a aparência são, no quadro maffesoliano, alguns dos componentes estruturais, ou mesmo constitutivos, da sociedade. Não à toa, são também três vértices importantes da publicidade e propaganda na contemporaneidade, sempre levando as pessoas a desejarem o reconhecimento dos outros; na maioria das vezes, pelos produtos da cultura de massa. Por outro lado, assistimos ao crescimento do espetáculo dos clubes de fidelização que tribalizam os consumidores em categorias aparentemente menores, mais “personalizadas”. Em todas essas situações, é sabido que o cidadão contemporâneo reage contra o que lhe incomoda comprando coisas, ficando cada vez mais refém dos objetos e dos serviços. No consumo configuram-se as

mais diversas tribos do cotidiano, tecendo e entrelaçando imensas teias sem fim. Um enredo no qual as ambiências tribais estimuladas pela comunicação social e baseadas na lógica da identificação convivem com totalitarismos religiosos, ditaduras e conflitos étnicos. Esse panorama instala a atualidade em redes que se sobrepõem a outras redes, todas emaranhadas, mas cada uma mantendo alguma motivação própria para existir.

A sensação de insegurança e a denúncia mundial da decadência do conceito de Estado-nação levam os cidadãos a se darem conta que a crise é totalmente planetária. A poluição, a aids, as gangues de jovens, os atentados terroristas são elementos que permeiam todo o globo e que fazem parte da vida de cada cidadão consumidor. Mais do que nunca, céu e inferno se misturam na vida das pessoas seja para viver o horror dos dias de hoje, seja para aproveitar o conforto e a vida mais longa possibilitados pelas tecnologias. Em todos esses processos a comunicação é palavra-chave. Eis o enredo deste artigo, escrito, com muito prazer, à luz do pensamento de Michel Maffesoli e com inspiração especial no livro *A parte do diabo*.

A cidade e o inferno formado na mídia

A forma, com efeito, nos incita a pensar a partir do paroxismo ou do excesso. Por isso, possui uma função epistemológico-metodológica inegável. (...) para retomar uma perspectiva weberiana, o “irreal” do tipo “ideal” é particularmente pertinente para compreender todos os fatos “reais” da vida cotidiana que, sem isso, passariam totalmente despercebidos. É nesse sentido que a forma é uma força de atração. Ela acentua, caricaturiza, carrega no traço e, assim, faz sobressair o invisível, o subterrâneo, quase se poderia dizer o subliminal, que a ciência oficial tem muita dificuldade para

distinguir, e ainda mais para integrar às suas análises. De tanto dissecar, distinguir, o pensamento moderno esqueceu que o todo possui uma força específica que é, qualitativamente, diferente da soma de suas partes... (Maffesoli, 1998, p. 89).

Os confins misteriosos da alma humana são interrogações irresistíveis sobre as viagens individuais e coletivas a que a humanidade está sujeita. Mas uma coisa é certa: a mídia está lá. Seja onde for. Nesse cenário, a obra de Michel Maffesoli é exemplar e de fundamental importância para a composição teórica de alguns fenômenos comunicacionais pós-modernos, especialmente os “formados” ou ambientados nas grandes cidades. Neste texto, optamos em alçar um exemplo da mídia carioca contemporânea, o caso dos pitboys, para estimularmos a discussão sobre as aplicações do campo teórico maffesoliano às práticas do jornalismo diário.

As megalópoles são povoadas por mensagens em todos os seus recantos. Além de superpopulosas, elas são tentaculares compondo-se de estradas aéreas, terrestres, subterrâneas e virtuais que as ligam, irremediavelmente, ao resto do globo, fazendo com que forma e conteúdo ganhem significados conjuntos e até inseparáveis em muitos casos. É o mundo da ditadura da comunicação e da transfiguração do político; dois campos que se entrecruzam o tempo todo, tanto nos espaços físicos como nos virtuais. Mundo visitado por Maffesoli através dos ritos do cotidiano urbano que geram uma cadência desenfreada de acontecimentos sociais.

Emergência: vivemos a tirania da rapidez e da velocidade. “Maquinismo a não poder mais, lazeres invasores e imperativos, rapidez de relações e meios de comunicação, tudo contribui a esta ‘intensificação da vida dos nervos’ (Einsteigerung des Nervenslebens) que, segundo Simmel, é próprio das metrópoles modernas e que obviamente aumentou consideravelmente nas megalópoles

pós-modernas...” (Maffesoli, 1992, p. 194).

Nesta mudança de milênio, a técnica reaparece como grande ator expressando-se por cabos de fibra óptica, satélites, bancos de dados e muita imagem. Rapidez em nome do conforto e da suposta necessidade de informação. E é exatamente o excesso de comunicações nas grandes cidades do início do século XXI que esvazia as possibilidades de formalizações entre os enigmas do bem e os do mal. Ainda tentamos classificá-los, mas cada dia é mais difícil. A família diz uma coisa, a política diz outra e os meios de comunicação de massa tentam deter a verdade. Dada a desintegração de diversos valores modernos a favor do que poderia ser entendido como o bem ou o correto, a mídia ocupa, hoje, o lugar da tomada de partido, ou seja, das definições das coisas que são da ordem de Deus e daquelas que são da ordem do Diabo. Nem por isso, ela escapa de um permanente paradoxo crítico e ideológico no qual, por exemplo, num mesmo número de jornal, podem oferecer, em páginas diferentes, versões antagônicas sobre os fatos apurados. Por esse motivo, é irresistível comentar neste texto a cobertura jornalística que tem sido dada a um personagem *das trevas*, segundo o discurso da imprensa carioca, consolidado pela expressão pitboy². No Rio de Janeiro, e em outras grandes cidades do planeta, identificamos esse personagem, em princípio do mal, mas que alcança notoriedade midiática e, muitas vezes, transforma-se em ídolo, quase sempre efêmero, proveniente da cultura de massa. Os pitboys são protagonistas de inúmeras notícias de violência em espaços de lazer na grande mídia e ganham rápida e passageira notoriedade. Entretanto, o personagem pitboy parece ainda ter longa vida no imaginário da cidade visto que a cada dia sabe-se de mais algum caso em algum bairro. Nos jornais do Rio de Janeiro, a Barra da Tijuca é campeã no número de notícias sobre o assunto.

A Barra da Tijuca, bairro novo baseado no conceito de condomínios fechados e

shopping centers, oferece várias possibilidades de entretenimento diurno e noturno. Globalizada e poluída pela estética *Miami*, a Barra é elencada por atividades diretamente ligadas ao consumo que ajudam a construir uma nova espécie de sujeito mais do que nunca contaminado pelas supostas benesses do capital. Apesar das lindas praias e das montanhas ainda existentes ao redor do bairro, seus moradores preferem a reclusão em grupo. Em boates, academias, shoppings, clubes, pedaços quase privados de areia na praia ou nas áreas do condomínio, cidadãos pensam afirmar-se como indivíduos autônomos que transitam entre as tribos que bem escolhem. No entanto, a proposta de privatização dos espaços de lazer e moradia com o objetivo de oferecer segurança e convivialidade entre particulares demonstra sua saturação quando não consegue dar conta da violência cada vez mais presente nesse pedaço da cidade. Mais do que nunca, o sentimento de heteronomia substitui a fantasia da autonomia vendida pelos anúncios publicitários dos condomínios e dos shoppings da região. As ordens estão dadas pela tecnologia, pela violência e pela mídia.

A agressividade de jovens nascidos no próprio bairro e dos frequentadores habituais é o exemplo aqui escolhido, mas poderíamos falar dos assaltos às mansões, dos acidentes mortais com carros possantes, do tráfico de drogas e de tantas outras notícias sobre esse bairro planejado, mas que mantém o mesmo imaginário de perigo e risco que o resto da cidade. Escolhemos os pitboys, pois, apesar de suas infrações, os jornais também fazem questão de mostrar o lado família e o sofrimento daqueles que lhes são caros, provocando, obviamente, um sentimento dúbio no leitor.

Nesse quadro, poder-se-ia mesmo dizer que os pitboys são uma exacerbação da falta de perspectivas nas heranças do projeto moderno da busca de dignidade e de identidade. Geralmente amantes de exercícios físicos pesados e de lutas, esses rapazes gostam de expor seus corpos como ma-

neira de garantir o território de acordo com os bíceps ou os tríceps. Apesar de espancarem namorados que tentam proteger suas companheiras, esbofetear as moças e, invariavelmente, estarem envolvidos em brigas de médias ou grandes proporções, há sempre uma lei que os ampara e os liberta. Poderíamos dizer que os pitboys são, portanto, a representação do mal. Do mal burguês e arrogante dos que detêm o domínio de certos bens materiais ou intelectuais e que, em países como o Brasil, conseguem estar acima da ética baseada no respeito a todos. A ética, neste caso, é essencialmente tribal e parte muito mais de princípios estéticos do que morais ou cristãos, os quais, aliás como sabemos, estão em permanente transfiguração há muito tempo.

Naturalmente, não podemos simplificar as coisas a esse ponto, dividindo ingenuamente as pessoas entre boas e más. A humanidade não se permite mais ser julgada entre o bem e o mal apesar de haver criado normas e leis em toda sua história. Então, o problema já não é só a violência urbana do jeito “comum”, dos assaltos e assassinatos, da falta de liberdade de ir e vir, mas sim do poder da retórica (as palavras), do dinheiro (os bens) e do corpo (sexo). A relação desses três ingredientes faz com que a atitude nefasta desses rapazes receba também outros olhares, inclusive o do desejo sexual ligado à força – aspecto, aliás, que eles fazem questão de colocar em pauta. Muitas vezes, eles deixam as boates, os bares ou os restaurantes com brigas porque não quiseram pagar as contas; nesse caso, eles se desestabilizam justamente por faltar com aquilo que pode provocar adesão ao próximo, ou seja, o capital. Já quanto à palavra, seus argumentos residem nos dois elementos anteriores: eles verbalizam a força do corpo para agredir e demonstrar poder e usam o dinheiro ou a influência política dos pais para ter a lei a seu favor. Do espaço público de socialização passamos a uma permanente zona de conflito, mesmo em espaços privados. É importante também notar, ainda à luz da

visão maffesoliana, que esse comportamento pode ser interpretado como uma negação do fim da modernidade, já que os valores masculinos são tão exacerbados. Aceitar a pós-modernidade implicaria lidar com uma certa feminilização do mundo e acatar, portanto, a cultura dos sentimentos plurais que não deixam de valorizar o corpo, muito pelo contrário, mas na qual o corpo deve ser simultaneamente emissor e depositário de diversas expressões misturadas da razão e da emoção.

Aliás, como Maffesoli constata há anos, em nome do bem ou do mal, para o melhor ou para pior, os transbordamentos sociais são fenômenos da dimensão animal da humanidade que, na verdade, são da ordem do sentimental e do plural. O homem deve, então, aceitar tanto o seu corpo como a sua sombra. Uma tal implicação traduz, de certa maneira, os entusiasmos baseados no afeto ou simplesmente no estar-junto.

O jornalismo e a publicidade são grandes estimuladores das confusões contemporâneas. Nesse sentido, o exemplo dos pitboys aqui explorado é uma mera referência às inúmeras contradições que podem ser encontradas na mídia sobre qualquer fato. De nenhuma maneira, estamos imputando a Maffesoli a defesa do comportamento bárbaro dos pitboys. Queremos somente lançar um outro olhar sobre os editoriais e as reportagens que se contradizem tão recorrentemente nos grandes veículos de massa, como já é sabido. Nossa intenção é ressaltar a impossibilidade da escolha perfeita e justa do bem e do mal, o que evidentemente, é bastante diferente da opção pelo conceito do “politicamente correto”, tão difundido em todo o mundo, e que rege a maioria das redações jornalísticas.

A parte do Diabo: o mal como valor implícito ao bem-estar do homem

Mergulhemos mais fundo sob este mal que sabemos – aceitemos ou não

– ser conatural ao dado humano. Temos, para começar – o que está longe de ser desprezível – a *vox populi*, que bem sabe, em seu saber incorporado, que, em suas diversas modulações, o conflito (ou a antinomia dos valores) capilariza-se no conjunto do corpo social, ou ainda que é extremamente complexo e, ao mesmo tempo, extremamente simples. É precisamente esta dupla estrutura que o torna impermeável aos sistemas filosóficos. Estes, para explicar, precisam reduzir o que abordam à sua expressão mais simples. Ora, apesar desta redução, o mal está aí mesmo, constante, irrefutável. Ele tem uma realidade maciça que não se pode negar (Maffesoli, 2004, pp. 76-77).

Em nome do bem, o homem construiu diversos episódios polêmicos em sua história cultural. Os etnocídios e genocídios convocados pelos colonialismos e imperialismos econômicos e políticos ocorridos no ocidente, como a Inquisição na Europa da Idade Média e as missões jesuítas na América do Sul, bem exemplificam a defesa do bem contra o mal como base teórica ou ideológica. Mesmo depois da Revolução Industrial, os velhos desentendimentos entre vizinhos ou entre fiéis de diferentes religiões continuam inspirando as desavenças entre as pessoas, separando-as entre boas e más. Das grandes Guerras às conseqüências do 11 de setembro, os últimos cem anos continuaram a viver grandes conflitos em que matar pelo bem era o argumento mais importante.

Mas, como sabemos, o inferno está cheio de boas intenções políticas. Esse quadro tem inspirado Michel Maffesoli a analisar, ao longo de sua carreira, a sociedade contemporânea dando atenção especial às tribos urbanas e às questões do presente. Em *A Parte do Diabo*, Maffesoli, novamente instigante, discute o esvaziamento político, a violência e os conflitos da atualidade, teorizando sobre sensações e situações que

se desenrolam na vida cotidiana. Inspirado em alguns de seus livros anteriores, nos quais as controvérsias do bem relacionadas aos supostos territórios do diabo estiveram em pauta, o sociólogo se dedica integralmente, nesta obra, ao lugar do mal, delicado tema dos nossos tempos sombrios. Face aos excessos e às múltiplas efervescências de diversas ordens que não cessam de incomodá-lo, Michel Maffesoli retoma uma problemática que o perturba há tanto tempo: a aposta na mutação pós-moderna consiste também na tarefa de reconhecer a parte do diabo de nossas sociedades cristãs. O bem não seria mais o único fim das instituições humanas, mas um elemento entre outros. A teatralização festiva e barroca do demônio, expressão de um sentimento trágico da vida, torna-se então uma maneira eficaz de afagar o mal, de se proteger, homeopatizando-o.

O mal é complementar ao bem. Ele é irreduzível já que faz parte da estruturação social. Assim, negá-lo é mais destrutivo do que aceitá-lo. Reconhecer o aspecto estrutural do mal significa participar, de uma maneira ou de outra, da força das coisas da vida. Nas sociedades pós-modernas em gestação, desencantadas pela saturação dos valores universais, onde o pouco interesse pela política é só mais uma ilustração, as marginalidades criativas, as alteridades fecundas, a exacerbação da crueldade, a reanimação do selvagem são alguns dos extremos dos recursos sociais, nômades e tribais. Mergulhar ritualisticamente na lama para um culto vodu ou remexer o lodo numa festa techno são sintomas reveladores de uma intensidade exponencialmente existencial das tramas contemporâneas. A ambivalência das comunhões comunitárias pós-modernas, onde o lugar faz o elo, pode abrigar as histerias das mais diversas ordens em nome do gozo como nos grandes eventos artísticos, esportivos e mesmo religiosos. Os ritos coletivos se difundem pela capilaridade no cotidiano da vida social já que são baseados no politeísmo de valores, espécie de erotismo social no qual o outro

está lá, com o diabo no corpo, nessas comunidades de destinos tribais que expressam o tempo do plural.

O retorno da assepsia ideal das grandes teorias ocidentais não resiste às imunidades da política e da economia. A pessoa plural num mundo policultural tende a integrar o mal como mais um elemento entre outros. Nesse quadro, o real plural relativiza os valores, dando uma sensação de transitoriedade aos estatutos sociais supostamente imutáveis como, por exemplo, os direitos dos trabalhadores e das categorias socioprofissionais. O emprego não é mais um valor essencial já que a precarização dos contratos distancia a possibilidade de se fazer carreira numa mesma instituição. Se conseguir um trabalho seguro é uma possibilidade remota, a energia juvenil deixa de ter como projeto a reivindicação, o futuro, a história. Ela se manifesta e se esgota no instante – festas, chats, trabalhos temporários – e não carece de uma tradução política. Nesse contexto, os jornais e os livros são cada vez menos lidos pelos jovens que preferem a Internet com seus fóruns de discussão e outras buscas de encontro. Mas, por outro lado, Maffesoli também defende que a parte destruidora, a do excesso ou da efervescência, sempre antecipa uma nova harmonia. O fim do ciclo do bem como valor absoluto não significa que estaremos todos queimando nas fogueiras do inferno em futuro próximo, mas sim que é possível o povo ter uma visão mais crítica em relação aos princípios morais de fachada e estabelecer outra relação com as realidades da vida, como já podemos perceber em uma série de comunidades onde a inexistência de referências básicas de cidadania obriga as pessoas a tomarem medidas em benefício do grupo, sobretudo devido à ausência do poder público governamental.

Assim, os excessos de todas as ordens, as inúmeras práticas de risco, as novas rebeliões juvenis e todas as efervescências da pós-modernidade são expressões dessa sede do infinito que acontece no dia-a-dia; infinito que, como vemos, é bastante

influenciado, para não dizer ameaçado, pela heteronomia que constitui o novo corpo social.

Por uma última maldade

O lugar central da experiência contemporânea se exprime pelo deslizamento que vai da História Geral, e segura de si mesma, às pequenas histórias que constituem o movimento social. Esses deslizamentos sublinham a saturação da consciência tão pensada pelas ciências e disciplinas modernas. Consciência de si, própria do individualismo epistemológico, consciência de classe, fundamento da ação política, ou consciência cidadã, típica do ideal democrático e do contrato social moderno. Em compensação, vemos surgir uma consciência espontânea, porém heteronômica, muitas vezes até simplesmente institucional. Consciência, tudo indica, de um desejo de ideal comunitário, no qual o bem e o mal estão irremediavelmente unidos.

As interpretações da obra de Maffesoli rendem infinitos tratados, pensamentos, idéias. E é justamente aí que reside seu maior mérito: seu trabalho nos impõe a reflexão. Muitas vezes, tendo o trágico como campo de estudo, Maffesoli consegue distanciar-se, como é necessário ao espírito científico, tanto do passado enquanto referência pesada e definitiva como também do futuro onde o risco da previsão pode ser fatal. Neste pequeno artigo, mais uma homenagem do que uma certidão teórica, tentamos mostrar que, além de toda sua seriedade profissional, Maffesoli continua se divertindo em desafiar seus leitores e estudiosos a discutirem a sociedade contemporânea e conta com o diabo, neste caso, como um companheiro de suas provocações .

Notas

1 Referimo-nos nesse caso tanto aos espetáculos artísticos e esportivos com plateia como também aos ajuntamentos virtuais.

2 A expressão *pitboy* é uma paródia à raça de cão chamada de *pitbull*. Essa relação se expressa, sobretudo, pela violência em comum entre esses rapazes e essa raça de cachorro e também porque, muitas vezes, são esses jovens os proprietários desses cães. Geralmente tatuados, eles habitam boa parte das academias de musculação da cidade e fazem escola entre os adolescentes. A estética *pitboy* está na moda. Durante os anos de 2003 e 2004, *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, além de outros jornais cariocas, dedicaram dezenas de páginas aos conflitos gerados por essa tribo.

Referências

- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- _____. *La transfiguration du politique*. Paris, Grasset, 1992.
- _____. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro, Record, 2004.
- _____. *Le rythme de la vie: variations sur les sensibilités postmodernes*. Paris, La Table Ronde, 2004.